

Temporalidades anticoloniais nos podcasts *Conversa de Portão, Praia dos Ossos e História Preta*

Phellipy Jácome

Bárbara Maria Lima Matias

Jessica Carolina de Almeida Santos

Resumo:

Este artigo analisa a conformação narrativa de três podcasts, que em suas propostas editoriais buscam tensionar uma visada linear e progressiva do tempo, da história e do próprio jornalismo a partir de raça e gênero. Tratam-se de *Conversa de Portão*; *Praia dos Ossos* e *História Preta*. Tais empreendimentos mobilizam distintas estratégias para demonstrar conformações coloniais-modernas de saber e de poder e suas formas de enfrentamento. Interessa-nos, então, analisar como podcasts nos ajudam a configurar formas potentes para uma história anticolonial, na medida em que propõem e incidem formas peculiares de revisitar os movimentos do passado e as suas refigurações no presente, por um ato de “rasura” histórica, com resistências táticas, sedimentadas em suas formas de linguagem e enunciação sonora.

Palavras-chave: Podcast. História. Anticolonial.

Anti-colonial temporalities in the podcasts *Conversa de Portão, Praia dos Ossos* and *História Preta*

Abstract:

This article analyzes the narrative conformation of three podcasts, which in their editorial proposals seek to tension a linear and progressive view of time, history and journalism itself based on race and gender. The podcasts are *Praia dos Ossos*; *Conversa de Portão* and *História Preta*. They use different strategies to demonstrate colonial-modern conformations of knowledge and power and their ways of coping. We are interested, therefore, in analyzing how podcasts help us configure potent forms for an anti-colonial history, insofar as they propose and focus on peculiar ways of revisiting the movements of the past and their refigurations in the present, through an act of historical “erasure”, with tactical resistances, sedimented in their forms of language and sound enunciation.

Keywords: Podcast. History. Anticolonial.

Recebido em: 17.02.23

Aprovado em: 26.12.23

Phellipy Jácome

Professor do Departamento de Comunicação Social/UFMG.

E-mail: phellipyjacome@gmail.com

Bárbara Maria Lima Matias

Doutoranda em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social/UFMG, na linha de Textualidades Midiáticas. Mestra em Comunicação Social pela mesma universidade.

E-mail: educomerlato@hotmail.com

Jessica Carolina de Almeida Santos

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social/UFMG. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela mesma instituição.

E-mail: almeidasantos.j@gmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia
v. 20, n. 2, jul./dez. 2023.
ISSNe 1984-6924

Introdução

Frente a uma enorme diversidade de formatos, temáticas e estruturas narrativas existentes em ambientes jornalísticos sonoros (Viana, 2021; Spinelli, Dann, 2019; Rocha, 2018), foi possível perceber, nos últimos anos, uma consolidação de produtos interessados em promover uma revisão histórica, numa tentativa de visibilizar pessoas, instituições e feitos silenciados pela história oficial baseada em preceitos colonizadores. Podcasts como *1619*, do *New York Times*, *Fronteiras Invisíveis do Futebol*, do *Xadrez Verbal*; *Pelo Averso*”, da *Xirê Podcasts*, *Projeto Humanos*, do *Anticast*, entre muitos outros, a partir de diferentes propostas editoriais, condições de produção, de divulgação e de formas de interação com o público, negritam a importância de que práticas e procedimentos jornalísticos também busquem outras formas de prospectar e narrar o passado.

O interessante desses produtos é que, menos do que entender o passado como uma mediação cessada, a ser simplesmente transcrita ou replicada, busca-se encará-lo como um campo de disputas aberto que se desenvolve com múltiplos estratos temporais (Koselleck, 2014; Rivera Cusicanqui, 2018). Temos, nesse sentido, uma provocação importante tanto para alguns discursos autorreferentes de mídias jornalísticas quanto também para alguns estudos acadêmicos que, muitas vezes, partem da tentativa de integralizar fatos do passado ao presente, a partir de uma visada linear e teleológica da história (Barbosa, 2009; Jácome, 2020). Nesse enfoque, o jornalismo tende a ser visto como o veiculador dos últimos acontecimentos ou como uma testemunha privilegiada do presente, que narraria uma espécie de pré-história, que depois deveria ser mais bem aprofundada por historiadores ou cientistas sociais (Grupo Globo, 2011; Traquina, 2005; Rodrigues, 1994; Vizeu, Santana, 2010).

Frente a essa perspectiva normativa e atualista, nos perguntamos nesse trabalho: como podemos entender produtos jornalísticos que partem não somente da tentativa de alargamento do presente a partir de uma suposta característica do acontecimento (instantaneidade, simultaneidade e novidade), mas da própria ideia de um passado que não pode ser superado e que, por isso, cobra outras formas de ser narrado?

Como tentativa de delinear algumas respostas, este artigo analisa a conformação narrativa de três podcasts, que em suas propostas editoriais buscam tensionar uma visada linear e progressiva do tempo, da história e do próprio jornalismo a partir de *raça* e *gênero*. Em 2020 e 2021 foram lançados *Praia dos Ossos*, que reescreve, a partir de uma perspectiva feminista, o assassinato de Ângela Diniz, ocorrido em 1976; *O Plano do História Preta*, distribuído pela B9 e que investiga os principais acontecimentos que culminaram na abolição da escravidão no Brasil, em 1888; e “Feminismos” do *Conversa de Portão*, realizado pelo coletivo *Nós, mulheres da Periferia* em parceria do UOL Plural e Fundação Rosa Luxemburgo, em que propõe-se recuperar a história de mulheres e os seus ativismos no movimento feminista. Nosso objetivo é entender como esses produtos propõem outras formas temporais racializadas e generificadas que questionam a história oficial e, ao mesmo tempo, lançam questões sobre as próprias temporalidades jornalísticas e suas colonialidades de saber e de poder (Quijano, 2005; Segato, 2016).

Jornalismo e alteridade temporal

“Cobertura 24 horas”, “atualizações a cada minuto”, “jornalismo em tempo real”, “nunca desliga”, “em 20 minutos tudo pode mudar”, são algumas expressões e slogans frequentemente ouvidos, lidos e assistidos no nosso cotidiano como leitores/espectadores/ouvintes de produtos jornalísticos diversos. Tais expressões são representativas da maneira pela qual as mídias têm percebido sua relação com o tempo. Como sintoma emblemático do presentismo do discurso moderno, o passado surge como algo pacificado, não problemático, frente a um tempo cons-

tantemente acelerado a ser ultrapassado. A atualidade produzida nos e pelos textos jornalísticos passa a ser o leito da crença coletiva na existência de uma temporalidade social sincrônica (Antunes, 2007). Nesse sentido, o rádio ocupa um papel central na conformação narrativa da estética do “ao vivo”, como mídia capaz de se movimentar rapidamente e cobrir, quase que instantaneamente, os mais variados acontecimentos (Meditsch, Dines, Barbeiro, 2001).

Cabe, nesse sentido, nos perguntarmos as razões de por que os podcasts parecem mais refratários ao que Antunes (2007) chama de “obsessão do presente”, que explicaria as dificuldades do discurso jornalístico em lidar com o passado e imaginar o futuro. A materialidade da mídia certamente está entre os motivos. Berry (2016), por exemplo, observa que talvez por uma combinação entre a prevalência da fala no podcast e a natureza do meio como uma experiência selecionada pelo próprio ouvinte, baseada em experiências de nicho, é praticamente demandado que a escuta do podcast seja, na teoria e na prática, realmente diferente da escuta do rádio ao vivo. Talvez essa possa ser uma das razões, em alguma medida, pelas quais a obsessão do presente se manifeste nessa mídia em menor ou em outra intensidade. Isso se verifica mesmo em podcasts diários de notícias, nos quais o apelo a grandes temas “quentes” do momento parece mais forte. Quando o *Café da Manhã*, da *Folha de S. Paulo*, traz como tema a forma como o Brasil lida com a questão das drogas¹, ou quando *O Assunto*, do G1 recupera a história das dezenas de milhares de crianças brasileiras que por décadas foram separadas à força dos pais, por serem portadores de hanseníase², isso pode ser observado.

Surgido com esse nome no início dos anos 2000, o podcast é viabilizado por uma alta disponibilidade de softwares de edição de áudio baratos ou gratuitos e a abundância de tocadores de MP3 em um ambiente online em que a cultura dos blogs estava estabelecida (Hammersley, 2004). Pode ser entendido como:

uma tecnologia usada para distribuir, receber e ouvir, sob demanda, conteúdo sonoro produzido por editores tradicionais, como rádio, editoras de publicações, jornalistas, instituições educacionais (...) assim como podem ser criados por produtores de rádio, artistas e radioamadores (Bonini, 2015, p. 21, tradução nossa).

A produção de podcast não é, portanto, restrita a jornalistas, mas a mídia tem sido amplamente incorporada por profissionais dessa área, estejam eles inseridos em corporações tradicionais de comunicação – os principais jornais do mundo e do Brasil, como *The New York Times*, *The Guardian* e *Folha de S. Paulo* têm setores já relativamente consolidados de produção de podcasts e que vêm sendo paulatinamente ampliados – em empreendimentos menores, como é o caso da Rádio Novelo, e mesmo em iniciativas individuais ou de pequenos grupos, como é o caso do *História Preta* e também do *Nós, Mulheres da Periferia*. Estando em grandes corporações ou não, os jornalistas envolvidos em alguns projetos de podcast parecem produzir outros tipos de prospecção, planejamento, pesquisa, apuração e consumo, revelando outras formas de produção da atualidade jornalística.

Atualidade articulada de modos não-lineares

“Vênus lasciva”, “prostituta de alto luxo da Babilônia”, uma pessoa “dada a amores anormais”. Essas foram algumas das expressões utilizadas pelo advogado criminalista Evandro Lins e Silva para descrever a mulher que foi morta por um de seus clientes. Em 1979, Lins e Silva foi responsável pela defesa de Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como Doca Street, réu confesso do assassinato de sua namorada, a socialite belo-horizontina Ingrid Diniz, em 30 de dezembro de 1976. Ao articular sua performance em torno do argumento da “legítima defesa da honra”, o advogado conseguiu para o assassino, enquanto este era ovelado do lado de fora do tribunal, a condenação de apenas dois anos de prisão. Tal tratamento,

¹ Como o Brasil escolheu lidar com as drogas - episódio de 13 out. 2020, disponível em: https://open.spotify.com/episode/5PpwqBMkfrLtfAQO-de1U1U?si=AGWHdUwR-Q8eTWM_tRxYB-w.

² As dezenas de milhares de crianças brasileiras que durante décadas foram separadas à força dos pais, portadores de hanseníase - episódio 31 jan. 2020, disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/01/31/o-assunto-113-as-dezenas-de-milhares-de-criancas-brasileiras-que-durante-decadas-foram-separadas-a-forca-dos-pais-portadores-de-hanseníase.ghtml>.

como lembra Brum (2006), fez inclusive com que o poeta Carlos Drummond de Andrade, à época, escrevesse: “Aquela moça continua sendo assassinada todos os dias e de diferentes maneiras”. O crime e os modos como mobilizou a sociedade brasileira são o ponto em torno do qual se articula o podcast *Praia dos Ossos* – uma referência ao local onde a vítima foi morta, em Búzios, no Rio de Janeiro –, lançado pela produtora de podcasts Rádio Novelo, em setembro de 2020.

Presente nas listas de mais ouvidos de diversos tocadores de podcast desde os primeiros episódios, *Praia dos Ossos* chama atenção ao se voltar para um acontecimento que se deu há mais de quatro décadas. Ao contrário dos primeiros programas feitos por organizações jornalísticas a aparecerem na lista dos 20 mais escutados do país na plataforma de streaming Spotify³ – *Café da Manhã*, do jornal *Folha de S.Paulo* e *O Assunto*, do “braço jornalístico” das Organizações Globo na internet, o G1, que ocupam, respectivamente, a terceira e a sétima posições no ranking –, a produção da *Rádio Novelo* (que é a 18ª da lista) se volta para um assunto que não está na pauta dos acontecimentos “quentes” do momento.

Mas nem por isso deixa de estar na ordem do dia. Muito pelo contrário. Ao escolher escrutinar um dos casos mais marcantes de feminicídio no Brasil, ainda que ele tenha acontecido há quase 45 anos, *Praia dos Ossos* ressoa amplamente no presente. Dois anos após o primeiro julgamento, anulado a pedido do Ministério Público, Doca Street foi a júri novamente e, apesar do pouco tempo transcorrido, uma mudança no espírito do tempo, catalisada, entre outras razões, pelo fortalecimento de movimentos feministas no país, fez com que ele não só recebesse outro tratamento da imprensa e da opinião pública, mas também uma nova sentença: dessa vez foi condenado a 15 anos de reclusão. A mudança de ventos de um julgamento para outro de um lado, e, de outro, o fato de o feminicídio ainda ser uma realidade bastante corriqueira no país – casos desse tipo de crime, inclusive, cresceram 22,2% entre março e abril deste ano, em 12 estados, de acordo com relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)⁴ – ampliam o espectro de temporalidades acionadas pelo podcast.

“Como um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói?”

Essa é uma das perguntas em torno das quais o podcast *Praia dos Ossos* se organiza. ngela Diniz tinha 32 anos. Namorava Doca, então com 42, havia poucos meses. Após uma série de desentendimentos, ela quis se separar. Contrariado com o fim do relacionamento, ele acabou a matando durante uma discussão. Não só o julgamento de Doca se deu amparado em teses machistas, mas também a cobertura midiática. Isso fez com que ele fosse percebido como uma espécie de herói, recebendo cartas de pretendentes e sendo interpelado como uma estrela de cinema nas ruas. Presidente da *Rádio Novelo*, Branca Vianna lembra que o caso marcou sua adolescência e diz ter se espantado ao saber que Paula Scarpin, diretora de criação da produtora e alguns anos mais jovem que ela, não o conhecia, mesmo se interessando por histórias de crimes. Segundo Bittencourt (2020), Branca viu no assassinato um potencial podcast, não para os fãs da linha *true crime*, já que nunca houve mistério em torno do crime, mas para quem se interessa pelo episódio, pela época, pela evolução da legislação do Brasil, relacionada aos direitos da mulher, e por feminismo.

Em produção desde o início de 2019, *Praia dos Ossos* é composto de oito episódios: no primeiro, o crime é lembrado; no segundo, o primeiro julgamento; no terceiro, é recuperada a vida de ngela Diniz até o fim de seu casamento, quando ainda morava em Belo Horizonte; no quarto, três crimes envolvendo ngela são lembrados; no quinto, a vida da vítima após se mudar da cidade natal e passar a ser conhecida na alta sociedade carioca, paulistana e curitibana como “Pantera de Minas”; no sexto, a história do assassino, do relacionamento dos dois e a versão dele dos acontecimentos; no sétimo, como se deu o levante feminista que influenciou o segundo julgamento de Doca; no oitavo, uma reflexão pessoal da condutora. Em cerca de um ano e meio, Branca e a diretora de pesquisa da Novelo, Flora Thomson-Deveaux, ouviram mais de 50 pessoas em Belo Horizonte, São Paulo, Búzios e no

³ Top Brasil do Spotify: <https://open.spotify.com/genre/podcast-charts-top20-web>
Acesso em 28 out. 2020.

⁴ Segundo relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, com dados informados em reportagem da Agência Brasil em 1º de junho de 2020, os casos de feminicídio cresceram 22% em 12 estados durante a pandemia no período estudado. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>. Acesso em 28 out. 2020.

Rio de Janeiro, gravaram cerca de 80 horas de material e mergulharam em arquivos de TV, jornais, revistas da época, em um projeto que teve mais de 40 pessoas envolvidas (Bittencourt, 2020) para a primeira minissérie original da produtora.

O resultado é um projeto robusto, capaz de recontextualizar o feminicídio de Ângela Diniz, contribuindo significativamente em, pelo menos, dois aspectos: reconfigurando os papéis de vilão e de vítima construídos ao longo da década de 1970 e 1980; rompendo com o relato jornalístico que culpabilizou a vítima e promoveu novas camadas de vulnerabilização narrativa (Caldeira, 2022). A questão de gênero, portanto, é um ponto fulcral para analisarmos como esse podcast específico promove outros fluxos temporais em seu empreendimento narrativo. A construção da persona vocal por Branca Viana, apresentadora dos episódios; a mobilização de recursos dentro e fora do estúdio (criando diferentes paisagens sonoras); a maneira como uma diversidade de fontes são entrevistadas ajudam a torcer a temporalidade, promovendo novas formas de interpretar o passado e vivenciar o presente.

Estratégias complementares podem ser encontradas em *Conversa de Portão*, podcast produzido pelo jornal e coletivo *Nós, Mulheres da Periferia*, em parceria com o UOL Plural, que está em vigência desde setembro de 2020, passando a circular no meio da pandemia de covid-19. O podcast, nesse contexto, se apresenta como uma nova mediação tecnológica dos conteúdos jornalísticos que o coletivo já vinha produzindo desde 2014 e tem como finalidade tratar de assuntos que atravessam o cotidiano de mulheres negras e periféricas. É apresentado por Semayat Oliveira, uma das editoras do jornal, que conversa com mulheres que narram, fazem análises ou opinam sobre determinados temas. Os episódios podem ser acessados pelas plataformas de podcast, como também de forma livre, sem a necessidade de assinaturas, pelo canal do UOL no YouTube.

A série mais atual *Feminismos* é resultado de uma parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, narrado em quatro episódios que recuperam a história de mulheres e os seus ativismos no movimento feminista. No Brasil e seu contexto de 2021, é um gesto de chamar a atenção para as diversas violências que mulheres e feministas vêm sofrendo no país, com discursos misóginos e com o apagamento do que já foi conquistado coletivamente. A *Revista Azmina* realizou uma pesquisa e aponta que “termos como gênero já estão sumindo dos projetos de lei, e 25% desses projetos do Congresso são desfavoráveis às mulheres” (Revista Azmina, 2021)⁵.

A intenção do podcast, como o nome do episódio diz, é promover a reflexão sobre o feminismo para além de um movimento associado aos livros e às teorias acadêmicas de origem europeia, universitária e burguesa. As participantes, a partir de suas vivências próprias enquanto mulheres, negras e periféricas, destacam como a ação de mulheres se dá diariamente, seja entre uma rede de vizinhas, seja como as matriarcas de suas casas ou com gestos de solidariedade, que as entrelaçam em um espaço e tempo. No entanto, essas práticas não se esgotam a esse período da pandemia de covid-19, como algumas reportagens de veículos jornalísticos retratam, mas acontecem há séculos.

A série nos alerta, portanto, para um contexto de mobilizações de mulheres que acontecem no cotidiano e que trazem como herança um passado de lutas. No podcast, essas movimentações trazidas pelas lembranças afetivas dispostas pelas figuras de suas avós, tias e mães, além de mulheres que se organizam em prol da educação e da saúde. Por essas falas, nos é apresentada uma mobilidade de mulheres que se organizam nas urgências impostas e que não necessariamente se reconhecem como feministas.

Consideramos que no desenrolar do podcast, pelas falas das participantes, são feitos movimentos de revisão histórica sobre a herança colonial que permeia as suas próprias subjetividades, enquanto mulheres negras latino-americanas. E, ao contrário de fagocitar estas marcas, é enunciado para nós, ouvintes, propostas de resistências, uma zona de ebulição de possibilidades dentro do feminismo. Nos parece que “ocupar” o feminismo, corporificando e assumindo o contexto que as atravessam é uma das propostas de táticas anticoloniais.

⁵ Acesso para a reportagem: <https://azmina.com.br/reportagens/dicionario-conservadorismo-congresso/>.

Um exemplo desse movimento é o episódio *Feminismos para além dos livros acadêmicos*, construído a partir das conversas dispostas entre as mulheres e suas experiências com o feminismo, que se desenrola como uma costura entre as suas falas, temporalidades e textualidades. Semayat Oliveira é quem conduz o episódio. A jornalista parte de uma textualidade que visibiliza discussões em torno da história do movimento feminista que se introduz no século XIX na França e Inglaterra, e, posteriormente, viaja pelos países da Europa, como a Alemanha. Após essa agenda do feminismo ter sido apropriada pelas mulheres desses países europeus, em que se promovia fundamentalmente uma luta marxista, com a igualdade de gênero e as questões voltadas para as mulheres ocupando o mercado de trabalho, o movimento atravessa o Atlântico e chega ao Brasil e a seus países vizinhos. A jornalista retoma o deslocamento e o rompimento de fronteiras pelo feminismo para lembrar que, no caso do Brasil, poucas mulheres se sentiam e se nomeavam como feministas. A questão racial, até então desconsiderada dessa agenda dessa forma, as pautas que abrangiam mulheres negras não eram conciliáveis com as prioridades defendidas pelas mulheres brancas europeias e com a parcela de mulheres brancas do Brasil. Tal como o direito ao trabalho, que no Brasil foi imposto às mulheres negras desde a escravidão.

Lélia Gonzalez nos lembra, a partir de seu questionamento ao feminismo liberal quando começou a circular no Brasil, como pautas raciais eram segregadas de certas “correntes” feministas nas décadas de 1960 e 1970, com uma agenda que foi pouco ampliada durante os anos 1980. Gonzalez parte da filosofia e de uma pesquisa histórica sobre a formação colonial da América Latina, e constrói críticas aos movimentos de esquerda progressistas e a forma como o feminismo foi se construindo, pautado no que foi deixado pelas mulheres europeias: “[...] Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco” (Gonzalez, 2020, p. 142). Durante o podcast, Semayat Oliveira ressalta que foi a partir do seu encontro com os estudos de Lélia Gonzalez que ela começou a se considerar feminista e ver como as mulheres de sua família também podiam ser e eram feministas: “O que ela (Lélia Gonzalez) dizia tinha mais a ver com o que eu admirava e o que eu aprendi com as minhas avós, as minhas tias e a minha mãe”.

Isto nos aciona para a condição de conceitos, pautas e lutas sociais, quando são apropriados deliberadamente e não reinterpretados em suas circunstâncias históricas e espaciais de cada país – como afere a pesquisadora Rita Laura Segato (2007), que constrói uma diferenciação entre espaço, território e lugar e suas dimensões que não podem ser intercambiáveis. Acreditamos, a partir de Segato (2007), que podemos pensar o podcast também como uma dessas “ambiências” capazes de articular outras noções temporais. Em “*Conversa de Portão*”, as mulheres, em busca de ressignificar o conceito-metáfora “feminismo” promovem um movimento duplo e simultâneo: 1) a tentativa de não escapar do enredo histórico, político e cultural em países latino-americanos, e neste caso, especificamente no Brasil; 2) e as possibilidades de criação de resistências com as táticas anticoloniais que partem desde as casas dessas mulheres, ao contestar o progresso com o resgate das memórias de uma ancestralidade, pela mobilização coletiva solidária, seja na rede de vizinhas, na construção de ONGs empenhadas, nas lutas em prol de uma educação e sistema de saúde de qualidade, pelas condições dignas de trabalho; e na ocupação de espaços públicos e das ruas.

Como podemos perceber, gênero e raça constituem numa importante forma de consolidação das razões coloniais e também em suas formas de combate. Se o movimento de *Praia dos Ossos* parte de um caso particular para demonstrar a sua não individualidade e se, *Conversa de Portão* busca questionar a ausência

de debates raciais localizados em certos debates feministas a partir de diálogos e vivências práticas, a série *O Plano*, do *História Preta*, busca enegrecer o combate ao dispositivo escravista, que fez do Brasil o último país ocidental a abolir oficialmente a escravização de pessoas negras. Frequentemente em livros didáticos, na construção de monumentos, em novelas de época e em efemérides jornalísticas, a lei, conhecida como “Áurea” e assinada pela então princesa regente do Brasil, é narrada como uma espécie de dádiva, um presente que não teria sido fruto de lutas e de contestações, mas sim ação benevolente de uma “redentora branca”. Desse modo, organizações e lideranças negras são obliteradas historicamente das importantes e determinantes disputas em que eram protagonistas. Renarrar e ressignificar os acontecimentos que culminaram na abolição da escravatura é a proposta de “O Plano”, do *História Preta*.

Esse canal é produzido integralmente por Thiago André, que percebeu a não existência de podcasts voltados à história da população negra do Brasil e, como aponta em entrevista à Folha de S. Paulo, “a história da população negra do Brasil não é só a história da população negra, é a história do país em si”. Desde 2019, então, *História Preta* tem trazido importantes contribuições em, pelo menos, duas direções: na popularização da escuta de temas históricos; e na reflexão sobre esses próprios temas em suas relações de memória e esquecimento. Os primeiros episódios traziam temas intercalados e conectados, mas que não se aglutinavam como uma temporada específica. Isso se altera em 2020, quando o podcast passa a se configurar como temporadas relacionadas a uma reflexão densa e detida sobre determinado aspecto como: O Negro no Futebol, Nossa Beleza, O Samba das Pretas, Existências e, entre elas, O Plano.

Lançado em 2021, a temporada possui 8 episódios regulares e 1 episódio extra, tendo como estratégia visibilizar e sonorizar personagens extremamente importantes para a história brasileira, mas que frequentemente não encontram o merecido reconhecimento. No episódio de estreia, por exemplo, Thiago André mobiliza o simplificador relato da abolição para, a partir de uma revisão histórica, densificar e explicar os aparatos legais que permitiram que a escravidão fosse o mais bem sucedido empreendimento colonial e imperial no Brasil. Ao fazer isso, também denuncia como os regimes de poder sustentaram esse dispositivo racializado, provocando a desumanização de importante parcela da população brasileira. Além disso, ao visitar arquivos e hemerotecas, *História Preta* também nos instiga a pensar e questionar a forma como o jornalismo narra e sabe o mundo. Afinal, é demonstrado, por um lado, o papel ativo da imprensa brasileira na propagação e naturalização de ideais racistas (por meio de relatos de castigos, anúncios de fugidos, apoio a políticas escravocratas e a um ideal da lavoura); e, por outro, a heterogeneidade e a organização da luta abolicionista empenhada por alguns jornais e/ou estampada, ainda que sem essa intenção, em vários outros. Assim, Thiago André consegue mapear toda uma rede de resistência que demonstra uma organização e lutas constantes por parte da população negra. Dessa maneira, nomes como José do Patrocínio, Zumbi, Dandara, Esperança Garcia, Teresa de Benguela, Luísa Mahin, Luís Gama, Dragão do Mar ganham direito a serem narrados e reposicionados na história ali relatada, demonstrando, inclusive, as estratégias oficiais de apagamento. Essas estratégias também se fazem presentes em outras temáticas e episódios de histórias mais recentes, como o perfil de Leci Brandão e o de Carolina Maria de Jesus. Importante apontar que o movimento de reescritura da história a partir de critérios de raça e gênero também são fios condutores de outros empreendimentos sonoros, como “Projeto Querino”, da Rádio Novelo e “Vidas Negras”, do Spotify.

Conclusão

Como podemos perceber, há na pódosfera brasileira movimentos interessantes de reapropriação das temporalidades para constituição de novas histórias possíveis. Ao tomarmos *Praia dos Ossos*, *Conversa de Portão* e *História Preta* como exemplos potentes dessa relação, é possível avaliar que estratégias narrativas e sonoras também são cruciais para a efetivação dessa impronta anticolonial, seja 1) na forma como as fontes são mobilizadas, e que vezes são questionadas, amplificadas, restauradas; 2) na compreensão do uso estratégico de arquivos midiáticos e como esse gesto institui uma reflexão sobre as narrativas jornalísticas e suas formas de colonialidade; 3) na conformação de ambiências e temporalidades construídas e mobilizadas em cada produto. Esse corte transversal nos permitiu perceber diversas estratégias de constituição de legitimidade a partir da própria figura que narra, construindo textualidades engajadas em denunciar e promover novas relações de memória e esquecimento.

Menos que uma transferência de responsabilidade da enunciação ou um processo de comprovação de uma realidade externa, as fontes acionadas participam de um espaço endógeno de construção das narrativas, transitando por um tempo não estanque e sem garantias de uma única verdade tangível. A análise demonstra que esses podcasts também se movimentam pelos arquivos e mídias, por um processo de ir além dos documentos como locais que servem *para* a história, mas como pertencimentos ativos *na* história. Assim, quando “O Plano”, “Praia dos Ossos” e “Feminismos” acessam uma matéria de um jornal e documentos passados, recriam, a partir de suas textualidades, outros caminhos e formas temporais possíveis, numa reivindicação do direito ao tempo. Os arquivos, portanto, não são materialidades estáticas, mas agentes na construção de um espaço de experiência presente. É, em certo sentido, um paradoxo recorrer a excertos jornalísticos para recontar essas histórias, uma vez que o seu testemunho é utilizado. No entanto, isso não é feito de maneira irreflexiva, já que tem-se consciência dos vieses e limitações inerentes a esse testemunho. E, no que tange às ambiências, em maior ou menor grau, os três podcasts lançam mão de artifícios de linguagem sonora para construir uma narrativa que em alguma medida transporte o ouvinte para dentro da história os provocando a apreendê-la a partir de perspectivas outras que não a oficial/colonial. Acreditamos que esses podcasts nos ajudam a analisar formas de uma história anticolonial, na proposição de um acesso constante aos movimentos do passado e as suas refigurações no presente, por um ato de “rasura” ao tensionar a história colonial/moderna, com resistências táticas, sedimentadas em suas formas de linguagem e enunciação sonora.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, E. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**, v. 13, n. 1, p. 25-40, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/1997/1093>. Acesso em 27 out. 2020.

BARBOSA, M. C. **História do jornalismo no Brasil**: um balanço conceitual. Verso e Reverso (São Leopoldo), v. 52, p. 1-11, 2009

BERRY, R. A golden age of podcasting? Evaluating Serial in the context of podcast histories. **Journal of Radio & Audio Media**, n. 22, v. 2, p. 170-178, 2015.

BITTENCOURT, B. Praia dos ossos: ngela Diniz e o feminismo no Brasil. **TPM**, São Paulo, 19 out. 2020. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/praiadossos-angela-diniz-e-o-feminismo-no-brasil>. Acesso em: 27 out. 2020.

BONINI, T. La “segunda era” del podcasting: el podcasting como nuevo medio de comunicación de masas digital. **Quaderns Del Cac**, v. 18, n. 41, p. 21-30, 2015.

CALDEIRA, B. **'QUEIMEM AS BRUXAS!'**: relatos em torno de feminicídios e o jornalismo como fogueira simbólica que incendeia mulheres mortas. Tese defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, Fafich, 2022

GONZALEZ, L. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar.

HAMMERSLEY, B. Audible Revolution. **The Guardian**, Londres, 12 fev, 2004. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em: 27 out. 2020

JÁCOME, P. **A constituição moderna do jornalismo no Brasil**. Curitiba: Appris, 2020.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

LOPEZ, D. C.; ALVES, J. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

MEDITSCH, E.; DINES, A.; BARBEIRO, H. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis, SC: Insular: Ed. UFSC, 2001.

QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: 1985

RIVERA CUSICANQUI, S. **Un mundo ch'xi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018

ROCHA, D. **Para além de uma dúvida razoável**: Serial e a busca da verdade. Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, Fafich, 2018

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.

SEGATO, R. L. **La Guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

SPINELLI, M; DANN, L. **Podcasting**: The Audio Media Revolution. New York: Bloomsbury, 2019

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: volume I: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005

VIANA, L. **Estudos sobre podcast**: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 3, dez./mar. 2020

VIZEU, A.; SANTANA, A. **O lugar de referência e o rigor do método no Jornalismo**: algumas considerações. In *Texto* (UFRGS. Online), v. 1, p. 38-48, 2010.

Agradecemos ao financiamento da Capes, CNPq e Fapemig.